

dk
k

ok
ijk

PROFESSAR

LÍGIA SOARES E SARA DUARTE

COM

ANA COTRIM

ANA FONSECA

ANA TERESA MAGALHÃES

ÂNGELA VEIGA

BÁRBARA ALMEIDA

DANIELA VIANA

EVANGELINA MARTINS

JOÃO FARIA

INÊS PECEGUINA

LÍLIA LOPES

LUÍSA RAMOS CARVALHO

PEDRO BRANCO

SOFIA ROSA

Este livro resulta de um projecto de criação artística de Lígia Soares e Sara Duarte, *Professor*.

O projecto envolveu treze profissionais ligados à educação e à pedagogia que foram convidados a partilhar as suas experiências profissionais, reflectir sobre estas e a participar num percurso criativo e artístico que envolveu a escrita deste texto e a criação de um espetáculo. *Professor* estreou a 23 de Janeiro de 2019 na sala Mário Viegas do Teatro São Luiz, em Lisboa.

O teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser tem no seu historial vários projectos que visam a aproximação e o envolvimento de públicos, retirando este tipo de trabalho de um espaço meramente complementar e dando-lhe um espaço de destaque entre as suas actividades. Estas são, muitas vezes, consideradas pioneiras neste campo e muitas pontes foram sendo criadas entre as longínquas ilhas da cultura e da educação.

Neste e noutros contextos, uma de nós, a Sara, vai percorrendo desde há muitos anos os corredores, salas e recreios de diversas escolas. Desta experiência de trabalho junto de professores e estudantes, ligando escolas a teatros, educadores a artistas, algumas questões e observações foram surgindo e o projecto *Professar* começou a ser engendrado.

Mesmo arriscando um diagnóstico precipitado, reconheceu que a educação é um assunto pouco representado e referido na criação artística contemporânea. Pensou sobre isso e, não percebendo o porquê desse alheamento da criação artística em relação à educação, viu com alguma preocupação o facto de esta enorme e determinante fatia da vida estar tão envolvida em silêncio. Esta preocupação foi discutida com o Teatro São Luiz, especificamente com a Susana Duarte, com quem já tinha muitas vezes perscrutado os nexos entre a escola, a arte e outras áreas do que chamamos realidade, a social, a cultural ou a política. Foi feita uma proposta e com isso surgiu o *Professar*, um projecto que pretende constituir uma equipa com professores e outros agentes da educação para criar um espectáculo de teatro sobre a própria educação, e mais especificamente sobre a escola.

Foi então feito um convite ao conhecimento organizado da investigadora Irene Santos para enriquecer este projecto com os conteúdos dos caminhos já percorridos pelas ciências sociais e ela ligou-se a outra de nós, a Lígia Soares, para ajudar a criar este espectáculo, ainda sem se saber bem se era para orientar um

seminário de escrita, para escrever um texto ou para encenar uma peça. Abriu-se uma convocatória dirigida a professores e outros profissionais da educação para fazerem parte de um Laboratório de Escrita para Teatro que iria decorrer de Março a Setembro de 2019 e seria ministrado por nós, Lígia e Sara.

E assim começámos a embrenharmo-nos nos assuntos da educação, assistimos a seminários como o da Helena Singer, a palestras com Jorge Ramos do Ó, conversámos com Pascal Paulus, folheámos alguns livros, mas o mais crucial conhecimento ainda estava por vir.

Na sequência da convocatória, fizemos entrevistas para seleccionar um grupo de 13 participantes no Laboratório e foi com estas pessoas que começámos a olhar para o conhecimento sobre a educação como um lugar verdadeiramente presente e tão cheio de certezas como de dúvidas. Percebemos o quanto é necessário para enfrentar uma profissão ao mesmo tempo tão determinante para o futuro de todos e tão profundamente presa ao passado. E percebemos também que é urgente dignificar a profissão dos professores, falar deles e olhar para o seu trabalho como um bem muito mais precioso do que qualquer ranking ou relatório de produtividade.

A urgência deles em falar, em partilhar, era evidente e pouco precisámos de fazer para tornar este espaço de encontro absolutamente necessário. Parecia que tinha estado sempre lá, à espera de ser habitado por exactamente estas pessoas. O conhecimento era partilhado e criado a partir de uma necessária diversidade de perspectivas e testemunhava uma incrível adaptabilidade e confronto com as mais opostas realidades (etárias, sociais, geográficas). Conhecimento gerado pela inquietação de quem não só conhece os livros e as ciências, mas entrega a sua vida à vida de outros. Sentimos que os professores fazem parte do mais profundo vínculo de um aspecto da sociedade

que é ainda aliado da humanidade, que ainda põe as pessoas no seu plano central.

De Março a Outubro de 2019 encontrávamo-nos de 15 em 15 dias para falarmos ou para escrevermos em sessões que iam sendo orientadas a partir de conteúdos específicos tais como avaliação, metodologias, rotinas, ideologias, etc... e dividindo-se em exercícios pensados, tanto para ir ao encontro do testemunho mais real, mais límpido e verdadeiro, como para ir ao encontro do ficcional, do faz-de-conta e da ironia, preparando caminhos para processar a realidade tornando-a criticável, manipulável e representativa.

Dividíamos as sessões por temas largos e, mesmo assim, sempre que acabava uma sessão, olhávamos com espanto para a sua ainda enorme abrangência, para a sua ainda complexidade e para todas as coisas da vida indissociáveis da educação.

Estas sessões criaram uma espécie de património que vai desde as relações humanas com fortes amizades e a constituição de um grupo até uma base de dados, somando ficheiros áudio, textos literários, dramáticos, partilha de ensaios, registos. E, talvez o mais importante de tudo, as sessões definiram uma forma de trabalharmos em conjunto.

Nesta fase estiveram Ana Teresa Magalhães, Ana Cotrim, Ana Fonseca, Ângela Veiga, Bárbara Almeida, Evangelina Martins, Inês Peceguina, Lília Lopes, João Faria, Luísa Ramos Carvalho, Pedro Branco, Sofia Rosa e Susana Gomes.

Para além da Irene recorremos ainda a um outro especialista, não tão especificamente em educação, apesar de ser também professor, mas em teatro e dramaturgia, o Rui Pina Coelho. Pensámos que desfrutando nós de todo o conhecimento trazido pelos participantes deveríamos também retribuir com uma sessão em que o teatro e a dramaturgia se tornassem eles próprios um assunto central.

O Rui assumiu assim o comando de uma das sessões e ofereceu uma viagem pela teoria e história do teatro ocidental que se tornou uma preciosa base comum de pensamento e um contexto mais informado que facilitasse a discussão de opções artísticas.

As opções artísticas começam a ser assunto depois de terminarmos o Laboratório e quando nos deparámos com o início de um processo em que íamos realmente escrever um texto e montar um espectáculo. Como honrar agora este imenso assunto da educação através de um espectáculo? A que conclusão chegámos? Iremos pegar em que perspectiva? Será uma abordagem crítica, cínica, esperançosa? Como lidar com o misto de sentimentos em relação a um assunto tão crucialmente dinâmico? Não sabendo concluir, preferimos colocar a incerteza em cena, representando a luta contra todas as certezas que perseveram e olhando a incerteza como um estado heróico e benéfico da educação: não sabemos, por isso estamos aqui.

No que toca a factos, o que sabemos agora é que somos todos co-criadores desta peça, que temos nove professores em cena e que, sendo a escola um sítio em que é preciso lutar pela diferença de cada um, encontrámos no teatro uma oportunidade de incorporar todas as posições e baralhar os papéis, de sermos os outros com a mesma intensidade que nós próprios. Criámos um texto que simultaneamente nos representa a todos, porém ninguém, mas que foi construído sobre a liberdade e a inspiração de uma discussão que não pode cessar.

É um espectáculo feito com o respeito e a amizade de todos os que se dedicaram a este projecto e que nos surpreenderam pelo nível de compromisso, não só com o seu trabalho na educação mas também com a representação desse trabalho em palco, com o seu questionamento e com a possibilidade de usar a escola como barómetro de humanidade, de utopia, de futuro.

Nesse encontro primeiro quinzenal, depois quase semanal, que acabou agora por ser diário constituiu-se um grupo. Isto é como nos sentimos agora. Sentimo-nos um grupo. Um grupo de quê? De investigação, sim, de partilha, sim, de estudo, sim, político, sim, de escritores, sim, de teatro, sim, de agentes envolvidos em actividades culturais, sim, porque queremos colocar a educação em cena, sim.

Colocar a educação bem à vista de todos.

Lígia Soares e Sara Duarte

PROFESSAR

Palco com mesas e cadeiras representando uma sala de aula. Os professores [actores] e o público entram ao mesmo tempo. A Inês está de pé, ao fundo, mirando o público, os restantes sentam-se nas carteiras virados de costas.

INÊS Muito bom dia a todos. Antes de começar, vamos só relembrar que o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória não se constitui como qualquer tentativa de uniformizar com referência a um perfil estável e unilateral, mas sim amplo e abrangente, redondo e multifacetado e, ainda assim, claro e objectivo. Assim, não se trata de definir um mínimo, nem um ideal, mas sim o que se pode considerar desejável, com a necessária flexibilidade para não considerar o desejo dominante em relação ao desejo submisso de modo estanque, mas sim de forma dinâmica e mobilizadora.

Daí a preocupação em definir um perfil que seja partilhado por todos e que estimule e cultive a qualidade numa perspectiva que se adapte aos objectivos específicos a cada contexto que exige qualidades diferentes, não negligenciando, contudo, a noção de qualidade em relação à própria quantidade, já que o que distingue o desenvolvimento do atraso é a aprendizagem.

Considerando a humanidade como comunidade de destino e respondendo à exigência de apontar o inesperado e o incerto como marcas do nosso tempo, o processo de criação e de inovação tem de ser visto relativamente à pessoa concreta que todos somos em geral, e à pessoa geral que todos somos em particular, articulando-o com o desenvolvimento de cada pessoa dentro do contexto geral e particular de cada uma, não descurando o destino comum, nem mesmo o individual.

Um perfil de base humanista significa a consideração de uma sociedade centrada na pessoa e na dignidade humana como valores fundamentais da humanidade, já que temos de criar

condições humanas para esta humanidade de adaptabilidade e de estabilidade, visando valorizar o saber humano e a compreensão humana da realidade.

Compreensão da realidade que obriga a uma referência comum de rigor e atenção às diferenças, sendo o presente texto resultado do debate público realizado com vista a mobilizar a escolaridade para uma compreensão dinâmica e um saber questionador do conhecimento que é actualmente conhecido como tal.

Por este motivo, as questões relacionadas com identidade e segurança, sustentabilidade, interculturalidade, inovação, autonomia, diversidade, mutualismo, interacção integrada, adaptabilidade, concomitância, consensualidade social, paridade, equidade, unidade, competência, dinamismo, higiene, salubridade, integração e criatividade estão no cerne do debate actual. Colocam-se, deste modo, múltiplos desafios que suscitam diversas questões cujo debate visa contribuir para um fecundo desenvolvimento de uma pluralidade de valores válidos que permitam fazer face às imprevisibilidades resultantes da evolução.

É neste contexto que a escola, onde os alunos adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar, tem de se ir reconfigurando para responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade, mudanças aceleradas e física quântica, apesar de continuar tudo exactamente na mesma. Constituindo-se como um imperativo de referência estabelecer um referencial educativo único que, aceitando como referente a diversidade de percursos, assegure a coerência do sistema de educação de referência e dê sentido à referida escolaridade obrigatória que referimos anteriormente.

Este marco determina a afirmação clara e inequívoca, sustentada em evidência de investigação factual, de que é, sem dúvida alguma, fundamental um percurso que permita a equidade educativa

e pedagógica desde o nascimento, a par com a família e numa inquestionável e crescente integração de serviços.

A abrangência e a transversalidade concorrem, assim, para uma natureza recursiva.

A título de exemplo, refere-se como se usam linguagens verbais e não-verbais para, por exemplo, significar e comunicar recorrendo a, por exemplo, gestos, sons, palavras, números ou imagens e usando-as para, por exemplo, construir conhecimento, partilhar sentidos nas diferentes áreas do saber ou exprimir mundividades. Reconhece-se e usam-se linguagens simbólicas como elementos representativos do real e do imaginário, essenciais aos processos de expressão e comunicação em diferentes situações como, por exemplo, situações, pessoais, sociais, de aprendizagem e pré-profissionais.

Exemplificando:

Os alunos dominam os códigos que os capacitam para a leitura e para a escrita da língua materna, paterna e por afinidade. Compreendem, interpretam e expressam factos, opiniões, conceitos, pensamentos e sentimentos, próprios e impróprios, seus e de outros, quer oralmente, quer por escrito, quer através de outras codificações trans, inter, diagonais ou de charneira. Identificam, utilizam e criam diversos produtos linguísticos, literários, musicais, artísticos, tecnológicos, matemáticos e científicos, reconhecendo os significados neles contidos e gerando novos sentidos sem qualquer problema de entendimento, diacronicamente falando.

Os alunos pesquisam sobre matérias escolares e temas do seu interesse. Recorrem à informação disponível em fontes documentais físicas e digitais – na Internet, em redes sociais, nos media, livros, revistas, jornais, múpis e, se for mesmo necessário,

até em pessoas. Avaliam e validam a informação recolhida, cruzando diferentes fontes para testar a sua credibilidade, ética e aplicabilidade, sem prazos de validade. Organizam a informação recolhida de acordo com um plano, com vista à elaboração e à apresentação de um novo produto ou experiência prontos a serem colocados no mercado. Desenvolvem estes procedimentos de forma crítica e autónoma, consensualmente acordada entre as diversas partes envolvidas e fazem-no felizes e satisfeitos, utilizando as estratégias actualmente ao seu dispor: votação democrática, indução de voto, abstenção, piparotes e calduços.

Os alunos apresentam e gritam conceitos em grupos formais, informais e mistos e apresentam ideias e projectos diante de audiências reais ou imaginárias, presencialmente ou por skype. Expõem o trabalho resultante das pesquisas feitas, de acordo com os objectivos definidos, junto de diferentes públicos, novos, velhos, envelhecidos, activos ou inactivos, diferenciados ou indiferenciados, escalão A, B ou C. Concretizando produtos discursivos, textuais, audiovisuais, sensoriais ou multimédia e respeitando as regras próprias de cada ambiente e todas as espécies neles presentes e usando todas as plataformas actualmente disponíveis, mesmo as fracturantes e indisponíveis.

Os alunos colocam e analisam questões a investigar, distinguindo o que se sabe do que se pretende descobrir e do que não é para saber agora. Definem e executam estratégias adequadas para investigar e responder às questões iniciais. Analisam criticamente as conclusões a que chegam, reformulando, se necessário, as estratégias adoptadas.

Os alunos generalizam as conclusões de uma pesquisa, criando modelos e produtos para representar situações hipotéticas ou da vida real que respondem a desígnios existencialistas, nihilistas, animistas, socialistas, trotskistas, negacionistas, sufragistas, comodistas, anarquistas, populistas, benfiquistas, dadaístas

mas, sobretudo, materialistas. Testam a consistência dos modelos analisando diferentes referenciais e condicionantes, indo a todas e não deixando uma de fora. Usam modelos para explicar um determinado sistema, para estudar os efeitos das variáveis e para fazer previsões acerca do comportamento do sistema em estudo. Avaliam diferentes produtos de acordo com critérios de qualidade e utilidade em diversos contextos significativos, para eles e elas.

Os alunos observam, analisam e discutem ideias, processos ou produtos centrando-se em evidências, o que não é evidente, evidentemente, não interessa.

Os alunos conceptualizam cenários de aplicação das suas ideias, testam-nas sem utilização de animais e decidem sobre a sua exequibilidade e razoabilidade. Avaliam o impacto das decisões adoptadas a curto, médio e a $\frac{2}{3}$ de prazo, a vários prazos, *yields* incluídos.

Os alunos desenvolvem projectos criativos com sentido no contexto a que dizem respeito, recorrendo à imaginação, manha, pais, avós, créditos pessoais, desenvoltura e flexibilidade, e estão dispostos a assumir riscos para imaginarem além do conhecimento existente, com o objectivo de promover a criatividade, a inovação e a sobrevivência da espécie.

Os alunos juntam esforços para atingir objectivos, valorizando a diversidade de perspectivas sobre as questões em causa, tanto lado a lado, cima-baixo, em redor, como através de meios diagonais. Desenvolvem e mantêm relações diversas e positivas entre si, entre os outros e entretidos.

Aprendem a considerar diversas perspectivas e a construir consensos. Relacionam-se em grupos lúdicos, desportivos, musicais, artísticos, literários, políticos, Maçonaria, Opus Dei, baile de debutantes, comissão de organização das festas de Nossa Senhora do Amparo e outros.

Os alunos reconhecem os seus pontos fracos e fortes e consideram-nos como activos em diferentes aspectos da vida. Têm consciência da importância de crescerem e evoluírem. São capazes de expressar as suas necessidades e de procurar as ajudas e apoios mais eficazes para alcançarem os seus objectivos.

Os alunos desenham, implementam e avaliam, com autonomia, estratégias para conseguirem desenhar, implementar e avaliar com autonomia as metas e desafios que estabelecem para si próprios.

Os alunos são responsáveis e estão conscientes de que os seus actos e as suas decisões afectam a sua saúde, o seu bem-estar e o ambiente. Assumem uma crescente responsabilidade para cuidarem de si, dos outros e do ambiente e para se integrarem activamente na sociedade porque se não gostarem de si quem gostará. Estão conscientes da importância da construção de um futuro sustentável como oposto ao futuro insustentável e envolvem-se em projectos de cidadania activa como oposto a não ter projecto absolutamente nenhum porque acham que tudo vai terminar amanhã.

Os alunos desenvolvem o sentido estético, mobilizando os processos de reflexão, comparação e argumentação em relação às produções artísticas e tecnológicas integradas nos contextos sociais, geográficos, históricos e políticos. Os alunos valorizam as manifestações culturais das comunidades e participam autonomamente em actividades artísticas e culturais como público, criador ou intérprete, consciencializando-se das possibilidades criativas. Os alunos percebem o valor estético das experimentações e criações a partir de intencionalidades artísticas e tecnológicas, mobilizando técnicas e recursos de acordo com diferentes finalidades e contextos socioculturais e fazendo o que raramente alguém faz.

Os alunos compreendem processos e fenómenos científicos

global integrada global integrada globalmente na integração
 global da integridade globalizada da íntegra integração global da
 globalização das aprendizagens globais e integradas na globalidade
 da integridade integradamente global integrada global integrada
 globalmente na integração global da integridade globalizada
 da íntegra integração global da globalização das aprendizagens
 globais e integradas na globalidade da integridade integradamente
 global integrada global integrada globalmente na integração
 global da integridade globalizada da íntegra integração global da
 globalização das aprendizagens globais e integradas na globalidade
 da integridade integradamente global integrada global integrada
 globalmente na integração global da integridade globalizada
 da íntegra integração global da globalização das aprendizagens
 globais e integradas na globalidade da integridade integradamente
 global integrada global integrada globalmente na integração
 global da integridade globalizada da íntegra integração global da
 globalização das aprendizagens globais e integradas na globalidade
 da integridade integradamente global integrada global integrada
 globalmente na integração global da integridade globalizada
 da íntegra integração global da globalização das aprendizagens
 globais e integradas na globalidade da integridade integradamente
 global integrada...

O barulho e a indisciplina instalam-se na sala. Ângela bate na mesa e dirige-se ao público.

ÂNGELA Pouco barulho! Silêncio! Teremos de vos pedir para saírem da sala e voltarem a entrar? Estão sentados nos lugares certos?

Não é permitido filmar ou fotografar mas podem tirar notas se quiserem e não se tapem uns aos outros.

TODOS Não.

ÂNGELA Endireitem-se lá nas cadeiras.
Desliguem lá os telemóveis e voltem-se lá para a frente.
Façam lá o que vos dizemos para fazer.

TODOS Lá.

ÂNGELA Estejam atentos que vamos começar.
Já acabaram de trocar as vossas impressões, já?
Quando já pudermos, avisem.

TODOS Já.

ÂNGELA Temos um programa a cumprir, certo?

TODOS Certo?

ÂNGELA Estão connosco, certo?
Ora bem! Podemos?

TODOS Bem!

ÂNGELA Parece que não é hoje que vamos fazer
a prenda do Dia do Pai.

TODOS Ai.

ÂNGELA Oh, francamente! Estamos a ficar sem voz!

TODOS Voz!

ÂNGELA Francamente. Vá lá, vá lá! Já chega! Então?!

TODOS Vá lá, vá lá!

ÂNGELA Voltem-se para a frente!

Concentrem-se, só faltam 60 minutos para terminar.

Deixem os outros espectadores em paz.

Não há nada para ver lá fora.

Aparecem imagens reais de professores reais em manifestações.

Lembram-se do que combinámos?

Nós falamos convosco como se fossem pessoas inteligentes e esperamos ser tratados da mesma maneira. Se não nos acharem inteligentes, finjam.

E não chorem. Se não páram de chorar, ninguém vos compreende. Nós somos pagos para vos ajudarmos a cumprir o Programa, não para sermos vossos amigos!

Se não gostássemos de vocês é que vos deixávamos fazerem tudo o que quisessem.

Vá. Estão a precisar de um abraço apertado, não é?

Calma. Contem até dez e respirem de-va-ga-ri-nho.

Vamos todos fechar os olhos um bocadinho.

As imagens saem.

Vamos começar a respirar, sintam o ar a entrar dentro de vocês, não precisam de alterar a respiração. Quando inspiram, quando o ar entra dentro de vocês, a barriga cresce um bocadinho e quando o ar sai, a barriga diminui um bocadinho. Vamos fazer isto algumas vezes.

Os professores estão sentados nas carteiras de frente para o público, fecham os olhos e respiram.

Agora vamos imaginar que vem aqui uma nuvem à nossa janela e vocês vão subir para a nuvem e vão sentir o vosso corpo em contacto com a nuvem. Sintam as vossas pernas, como é fofinha a nuvem, sintam o vosso rabinho, sintam as vossas costas, deitem a cabeça na nuvem e aproveitem, sintam os raios do sol a incidir na vossa pele e sintam como é bom, como é mágico. E agora está ali o arco-íris e vocês pedem à nuvem para irem até ao pé do arco-íris e agora, que já lhe podem tocar, experimentem provar o arco-íris, vejam lá que sabor é que tem. Tantas cores, será tutti-fruti?

E agora subam para o arco-íris e escorreguem por ele abaixo como num escorrega gigante que vos devolve ao chão, suavemente, sem solavancos.

E quando põem um pé no chão, voltam a abrir os olhos, esfregam-nos um bocadinho e voltam a estar aqui, disponíveis a aprender o que quer que eu vos ensine e ansiosos por saber se eu acho que vocês se portaram bem ou mal. Bem ou mal. Bem ou mal.

Bem ou mal bem ou mal.

Ângela continua a dizer “bem ou mal” durante a *Voz-Off*.

VOZ-OFF Os meus avós eram agricultores, os meus pais passaram a infância no campo e a escola foi só o mínimo necessário para fazerem umas contas quando abrissem o seu negócio, e eram só os rapazes, as raparigas começavam logo a aprender a serem casadas ou então não se safavam. Eu vim estudar para Lisboa porque já podia ser doutora e ganhar bem, ganho uma merda, divido casa com uma colega e não faço ideia se fico colocada no próximo ano, mas sei que o orgulho dos meus pais é que já não preciso de cavar batatas. É o que eles pensam. Agora tenho no programa fazer uma horta com as crianças para as sensibilizar para a natureza e para a alimentação saudável. Era só o que me faltava.

Agora que aprender a ler é global e quase automático, já nem se tem de juntar o A ao B, temos de saber plantar batatas e cenouras. Se os meus pais sabem disto matam-me...

Todos estão sentados nas carteiras de frente para o público e envergam um poncho para a chuva.

DANIELA Vamos à horta, minhas flores?
Sabem qual é a diferença entre um regador e uma cenoura?

TODOS A cor, é a cor.

DANIELA Sim, neste caso é verdade. Mas e se o regador fosse cor-de-laranja? Qual seria a diferença?

VÁRIOS O preço!

DANIELA Pois, o regador pode ser ligeiramente mais caro do que uma cenoura, mas se forem ao chinês encontram uns regadores pequeninos a 0,80€ que não regam muito mas são muito giros.

VÁRIOS Eu tenho um!

DANIELA [para Ana Cotrim] Muito bem.
E já regaste alguma coisa com o teu regador?

ANA COTRIM Já reguei a areia da praia.

DANIELA Muito bem. E cresceu alguma coisa?

ANA COTRIM Não.

DANIELA Bom. Então se calhar o regador estava estragado. E cenouras? Já alguém viu uma cenoura? Não? Então vamos ver. Não se enganem, aqui estão os regadores, as cenouras estão lá fora

com as cabeças enfiadas na terra. Se tiverem dúvidas ponham a mão no ar.

Os braços crescem como flores até ficarem com um dedo espetado que pede permissão ao público esperando a sua vez.

TODOS Eu, eu, eu!!!!

DANIELA *vai regando os professores que o público indica para serem regados enquanto se ouve a Voz-Off.*

VOZ-OFF A consociação de pessoas, ou plantas, é uma das mais visíveis e extraordinárias conquistas da humanidade. Trata-se de uma prática bio-socio-cultural de cultivo de várias pessoas, ou plantas. Em geral, à volta de 25 a 30 pessoas próximas entre si, de forma a obterem benefício mútuo. Esta mais-valia acontece quando o crescimento e desenvolvimento das pessoas, ou plantas, se verifica na mesma área, espaço e tempo, seguindo regras predeterminadas, como podemos ver aqui a acontecer. É verdadeiramente emocionante verificarmos a nossa familiaridade e vínculo afectivo com o mundo vegetal.

A consociação de pessoas, além de favorecer a conservação das características da estrutura social dominante, permite um maior aproveitamento das suas capacidades individuais, o que é espantoso em termos evolutivos.

As pessoas que estão em consociação não necessitam de ter nascido exactamente ao mesmo tempo, contudo, devem estar organizadas em talhões, por ano de nascimento. Por exemplo: as que nasceram em 2003 devem ser agrupadas, as de 2004 também, as de 2005 e assim sucessivamente.

Durante a consociação, grande parte dos períodos de vigília, ou seja, quando estamos acordados, ocorre em conjunto.

Esta interacção deve ser preservada a todo o custo, em modo de obrigatoriedade, durante 12 anos, para cada pessoa em consociação.

Estudos recentes realizados na Califórnia verificaram que as pessoas em consociação favorável, isto é, a salvo do *bullying*, aumentam a sua produtividade através de um eficaz aproveitamento do ambiente e das condições que as rodeiam. São, tal como a abóbora e o melão, pessoas companheiras.

É espantoso sabermos que hoje, na mesma área de superfície do planeta, podem obter-se produções de diferentes pessoas, plantas e coisas em simultâneo, sem prejuízo da criação de distintas possibilidades de projectos de vida. Mesmo que uma doença, infortúnio ou intempérie possa vir a destruir ou a danificar as pessoas ou plantas mais sensíveis ou vulneráveis as restantes podem sempre continuar a ser produtivas, assegurando os índices médios expectáveis. São momentos únicos a que temos o privilégio de assistir.

Laços sólidos e duradouros são forjados ao longo deste caminho, tais como: mutualismo, protocooperação, comensalismo, competição. Assim, é absolutamente esperado que, no caso de uma pessoa ter vontade de ir à casa-de-banho, todas as outras fiquem à rasca e não aguentem muito mais.

*Todos saem para ir à casa-de-banho, menos a Sofia.
O Pedro volta da casa-de-banho e dirige-se ao público.*

PEDRO Vamos então passar à revisão da matéria dada.
Completem as seguintes frases:
O público é convocado a completar as frases.

É preciso entrar no _____ [esquema].
E fazer parte de um _____ [grupo].

Para termos muitos _____ [direitos].
 E sermos socialmente reconhecidos
 como pessoas _____ [válidas].
 Pessoas que querem muito _____ [trabalhar].
 E arranjar um em _____ [prego].
 E produ _____ [zir].
 E pagar os seus im _____ [postos].
 E contribuir para uma sociedade _____ [justa],
 de iguais oportun _____ [idades],
 Garantidas a todas as pessoas, animais e _____ [etc.],
 Crescermos e sermos finalmente aquilo
 por que aguardámos tanto _____ [tempo],
 Que o tempo na infância nunca mais aca _____ [ba],
 Mas dizem sempre que está qua _____ [se]
 e que quando fores gran _____ [de],
 já podes atravessar a rua sozi _____ [nho],
 e quando fores maior já podes andar de me _____ [tro],
 e depois tirar a car _____ [ta],
 e conduzires-te para todo o la _____ [do],
 já podes beber isto e a _____ [kilo]
 e comer isto e aqui _____ [lo],
 e fazer isto e assa _____ [do],
 e tu vais fazen _____ [do],
 comen _____ [do]
 e andan _____ [do],
 e quando
 lá chega _____ [res]
 é que podes tudo e tu vais ver que bom que _____ [é].

Ouve-se um toque de saída seguido do som de vozes a fazerem “eeeeeeeeeh”.

Os restantes professores entram, com excepção da Luísa.

Empilham as mesas para representar um brinquedo de recreio.

Surge o som da chuva.

Põem-se debaixo das mesas.

ÂNGELA E agora? Vamos brincar ao mundo?

INÊS Vamos.

ANA FONSECA As formigas somos nós.

PEDRO Aonde?

ANA FONSECA Ali.

PEDRO Onde?

ÂNGELA Eu não quero ser formiga, é muito pequena, ainda sou pisada.

INÊS Está bem.

ÂNGELA Eu quero ser um rinoceronte branco.

ANA FONSECA Não, esse já não existe, está extinto.

ÂNGELA Não?

ANA FONSECA Não.

PEDRO Mas não disseram que tinham congelado o seu sémen?

ANA FONSECA Sim.

PEDRO Então é como se existisse, não é? Só ainda não nasceu.

INÊS E vamos ficar aqui à espera que nasça?

ANGELA – Porque não? Está a chover...
não dá para fazer mais nada.

INÊS Ok. Esperemos que nasça, então.

PEDRO Esperemos.

ANA FONSECA Olha.

PEDRO O quê?

ANA FONSECA O sol.

PEDRO Aonde?

ANA FONSECA Ali, à sombra daquela árvore.

Som de vozes a fazerem “eeeeeeeeeeh”.

Entra a Luísa com balões.

LUÍSA Pronto, é recreio. Vamos brincar?

Fazem um jogo de dinâmica de grupo.

Quando um dos grupos ganha dizem sem qualquer interesse.

TODOS Já está, ganharam eles.

Ana Fonseca come uma tangerina.

Os restantes dispõem as mesas em linha.

VOZ-OFF Está calor e a luz pica em linha recta tudo o que aqui se vê. Tenho os olhos quase fechados para guardar o escuro necessário. A árvore de grande porte que existe aqui na escola, uma *fagus sylvatica*, que é o nome em latim para faia, não cria a sombra de que eu preciso para trabalhar. Em vez disso, abre-se para o sol. Lá fora, entre mim e a árvore, as crianças preparam

um repasto para formigas. O pavão grasna e varre as folhas do pátio com a sua pesada cauda. Divide o pátio em várias zonas, semelhantes às rotinas que orientam as cuidadoras de formigas: brincar, nutrir, dormir, aprender, brincar, dormir, aprender, nutrir.

A parte de trás do meu pescoço já aqueceu, tenho as orelhas vermelhas, se tivesse o cabelo solto talvez não queimasse tanto. A exposição prolongada ao olhar dos outros é difícil de suportar e o pátio da escola não tem protecção UV. Debruçadas sobre a escola perfilam-se as casas do bairro, dentro e fora misturam-se portas e janelas com acabamentos por realizar, sem uma aduela claramente definida que possibilite um espaço vazio.

Ana Fonseca distribui fruta.

ANA FONSECA Trouxeram lanchinho? Não? Têm fome?

TODOS Sim!

ANA FONSECA A escola dá o lanche. E almoço, têm?

TODOS Não.

ANA FONSECA Então a escola dá-vos o almoço. É bom?

VÁRIOS – Sim.

VÁRIOS – Mais ou menos.

ANA FONSECA Quem é que ainda quer acabar com a educação pública? A Cofidis? A Crédito Directo?

TODOS Sim.

ANA FONSECA A escola tem ginásio?

DANIELA Não, está em obras.

ANA FONSECA Tem professor de inglês?

ÂNGELA Não, está de baixa.

ANA FONSECA Tem campo de jogos?

PEDRO Não, está fechado.

ANA FONSECA –Tem manuais gratuitos?

SOFIA Tem sim, mas apagados.

ANA FONSECA A pagar?

LUÍSA Não, apagados.

ANA FONSECA Afinal, o que é que tem a escola?

TODOS Tem de ir para o colégio.

ANA FONSECA E pode?

TODOS Não.

ANA FONSECA Porquê?

TODOS Paga-se.

ANA FONSECA Porquê?

TODOS Porque é uma escola privada.

ANA FONSECA E tem apoios do Estado?

TODOS Tem.

ANA FONSECA E tem contrato de associação?

TODOS Tem.

ANA FONSECA E dá apoio ao Estado?

TODOS Não dá, vende.

ANA FONSECA Já comeram tudo?

TODOS Já.

ANA FONSECA Vamos voltar para a sala?

TODOS Vamos.

Limpam as mesas e saem.

Cena sem ninguém.

O seguinte texto aparece escrito na superfície de um quadro.

A escola antiga tinha duas salas. Cada sala tinha duas portas. Uma porta era verdadeira, para entrar e para sair. A outra servia para guardar o giz e o papel. Coisas materiais que eram de todos. Eram simétricas, as salas. Irmãs gémeas. Atrás ficava o pátio. Do comprimento das duas salas juntas. À volta do pátio havia um campo. Uma amoreira. Podíamos apanhar as folhas para alimentarmos os bichos-da-seda, mas não podíamos comer as folhas. Corria-se no pátio. E faziam-se jogos no chão. O chão era vermelho e podia ser quente se o sol entrasse ali direitinho.

A escola nova tem 47 salas. Cada sala só tem uma porta. Não há

portas faz-de-conta que são armários. Os armários são armários. Objectivamente. Tem três quadros, dois quadros que são quadros, e outro que é ecrã, para ser usado. Há também um pátio. No meio da escola. Gigante. Maior do que toda a outra escola. É um pátio para onde se entra por quatro portas. A escola tem quatro conjuntos de 12 escadas. Eu ainda não tive tempo para conhecer toda a escola. Mesmo o intervalo grande, 15 minutos, não chega. Às vezes esse é o tempo que demoro só para encontrar os meus amigos. O pátio move-se num fluxo constante de vozes de pequenas turbas que entram e saem do pátio. Quando encontro o meu lugar já não me mexo.

Entram vindos de sítios diferentes enquanto respondem à Voz-Off.

VOZ-OFF Ana.

ANA FONSECA Presente.

VOZ-OFF Ana.

ANA COTRIM Presente.

VOZ-OFF Ana Teresa.

ANA TERESA Presente.

VOZ-OFF Ângela.

ÂNGELA Presente.

VOZ-OFF Inês.

INÊS Presente.

VOZ-OFF Daniela.

DANIELA Presente.

VOZ-OFF Luísa.

LUÍSA Presente.

VOZ-OFF Pedro.

PEDRO Passado.

VOZ-OFF Sofia.

SOFIA Futuro.

TODOS [*em coro*].

Presente, passado, futuro

Assente naquilo que aturo

A semente ao lado de um muro

Consciente do fado mais duro

Sentam-se com as cadeiras em cima das mesas.

Ana Teresa e Sofia estão de costas para o público.

ANA TERESA Onde estamos?

SOFIA Na era pós-moderna.

ANA TERESA Sim, está bem.

Mas diz-me: Data? Local?

Só para escrever o sumário...

SOFIA Não sabemos.

Era pós-moderna quer dizer que estamos
num espaço social e culturalmente múltiplo.

ANA TERESA [*alarmada*] Estamos perdidos.

SOFIA Calma, não estamos perdidos, não comeces já a panicar. Nós estamos amplos, inclusivos e abertos às imponderabilidades do tempo. Só não sabemos o que fazer e por isso vamos fazendo o que nos dizem para fazer, enquanto não sabemos o que fazer. É diferente. É mais ou menos como fazíamos quando andávamos na escola, lembrás-te? Fazíamos o que nos diziam para fazer?

ANA TERESA Tenho poucas memórias da escola, acho que a dada altura apaguei da memória...

SOFIA Pois, eu também me lembro de pouca coisa. É como se tivesse de aprender tudo outra vez mais tarde em cursos de formação de formadores de formação.

VOZ-OFF Ssssshhh! Vocês as duas pouco barulho, voltem-se para a frente!

Voltam-se para a frente mas continuam a falar uma com a outra.

ANA TERESA Estamos perdidos, portanto. O que é que vais fazer?

SOFIA [*com um tom heróico*] Aguardar a mudança.

ANA TERESA Não foste colocada, é isso?

SOFIA É.

VOZ-OFF Bem, estou a ver que tenho de vos separar...

Ângela pretende levantar-se.

ANA TERESA [*para Ângela*] E tu? Onde vais?

ÂNGELA Eu sou professora por vocação e por culpa do
Eça de Queiroz mas não me ponham a dar Padre António Vieira.
[reforça furiosa] Não me ponham a dar Padre António Vieira!

VOZ-OFF Sentem-se imediatamente!

ANA TERESA Querem que dês o Padre António Vieira?

ÂNGELA Querem.

ANA TERESA Na era pós-moderna?

Começa uma exaltação colectiva.

ÂNGELA Vou-me embora!

SOFIA Isso não é justo! Tu que podes, não queres.
Eu quero e não posso! Não é justo! *[abana-se com birra]*.

ÂNGELA Como é que é?

LUÍSA Se é justo... Nós temos miúdos que, se não fossem com
a escola, nunca tinham saído do fim da Avenida de Ceuta nem
sequer para ir ao Colombo passear.

SOFIA Eu quando vou ao Colombo é para entregar currículos.
Mas nunca consigo nada, dizem que tenho excesso de habilitações.

ÂNGELA Pois eu não percebo para quê chamar de Ceuta
a uma avenida em Lisboa. Eu não quero passear no Colombo
e muito menos quero levar os miúdos comigo.

ANA FONSECA Mais vale levá-los ao Colombo do que ser lançado
no bairro. Há professores que nunca mais são vistos.

LUÍSA Às vezes nem é o que vão ver, às vezes é só o poderem andar de camioneta. Sair do bairro, ver o mar lá ao fundo...

ÂNGELA No Colombo?!

LUÍSA ...e há alunos que se não fosse o leite da escola...

ÂNGELA Todos sabemos o que a Organização Mundial de Saúde pensa em relação ao consumo de leite de vaca.

ANA FONSECA ...ou são colocados numa cidade que mal existe no mapa, nove horas para lá chegar. Ou ficam por três meses na Grande Lisboa, mas num bairro tão profundo, tão profundo, que mal conseguem lá entrar.

INÊS Nem de lá sair. Presos e perseguidos: câmaras de vigilância, guardas, porteiros, denúncias de colegas, avaliações.

LUÍSA ... nem que seja para irem à cantina, para terem um almoço, é importante!
Ou vão porque gostam dos intervalos, ou faltam às aulas. Mas é um espaço em que respiram, em que têm ali uma estrutura.

INÊS Estrutura ou grades?

LUÍSA [*para Inês*] – Não sejas injusta.

SOFIA [*acusatória para Inês*] – Injusta!

LUÍSA Um gradeamento em pé pode ser importante para quem só conhece muros partidos.

INÊS No que toca a partir muros teríamos muito a aprender com eles.

PEDRO É um paradoxo. É um lugar com grades mas, ao mesmo tempo, é um lugar onde os meninos podem encontrar liberdade.

INÊS Liberdade?

PEDRO [*grita*] Liberdade!

ANA TERESA Paradoxo?

LUÍSA Camioneta!

SOFIA Injustiça!

ÂNGELA Leite?

ANA FONSECA Leite!

DANIELA Bolos!

VOZ-OFF Shhhhhhhhhh!

Silêncio.

ANA COTRIM Existem os autorregulados e os contidos mas o caminho até ficarem todos aos gritos é de dois segundos.

ANA FONSECA Eu nunca pude gritar muito alto porque os pais viviam todos ali ao pé.

ANA COTRIM Estou a falar dos alunos.

ANA FONSECA Ah! Os alunos podem.

ANA COTRIM Podem?

INÊS Autoritarismo, em riste, orgulhoso, que nem se digna a baixar-se um pouco para olhar uma criança de igual para igual, olhos nos olhos. Que debita um currículo euro-centrista e proclama a nossa liberdade através de grades.

A escola como degrau de libertação, de promoção, de maior possibilidade de escolha. Qual escolha, a liberdade não pode ser aprender obrigatório! A não ser que um conceito se possa definir pelo seu oposto.

PEDRO As crianças podem fazer isso.

INÊS O quê?

ANA COTRIM Ou porque é que não podem?

INÊS Não me confundam.

PEDRO E quem é que diz o que pode e não pode?

ANA COTRIM Sim, quem?

INÊS O bom senso, a coerência...

ANA COTRIM A escola também, está sempre a dizer.

PEDRO E quem é que me vai pagar a consciência de fazer só o que acho bem?

ANA COTRIM Quem é que me vai compensar a má consciência do que podia ter feito melhor?

PEDRO Quem é que avalia o bem que eu trouxe a uma criança senão a própria?

ANA COTRIM Os seus pais, a direcção?

PEDRO O estado que contabiliza o valor do chumbo?

ANA COTRIM Esse metal pretensioso.

PEDRO Esse chuto numa pedra.

ANA COTRIM Quem é que me leva a parar uma criança a crescer?

PEDRO Sim. E quem é que me obriga a dizer para as crianças deixarem de crescer ou para os adolescentes deixarem de ser crianças?

ANA COTRIM Sim. Quem é que me diz o que fazer?

PEDRO Sim. Quem?

ANA COTRIM A mim?

PEDRO Quem me diz a mim?

ANA COTRIM Quem?

VOZ-OFF Caluda!

Calam-se.

DANIELA É preciso resgatar a criança para o plano principal da escola, porque a criança saiu do plano principal da escola. No plano da escola estão os horários, os currículos, as avaliações, os exames, as frequências, o aproveitamento, o oportunismo, os requisitos e a eficiência mas, no meio dessa enorme secretária, entalada entre essa alta pilha de papéis, será difícil fazer caber uma criança.

LUÍSA Não dramatizes, as crianças estão em todo o lado.
Eu ando sempre com eles. Não os largo da mão. Os requerimentos,
os alertas... É isso que um professor faz, um professor vai buscá-los
à sala ou onde estiverem e faz alertas. Alertas, ouviram todos?

TODOS [*desinteressados*] Ouvimos.

LUÍSA Situações de risco, pobreza, educação especial,
abandono escolar... Estão mesmo a ouvir?

TODOS Sim, sim...

LUÍSA É preciso que estas crianças sintam que não estão a ser
esquecidas. Alertas! Estão a ouvir?

TODOS [*ainda evasivos*] Sim, sim...

LUÍSA Às vezes lá consigo fazer passar um ou outro
requerimento... Faço o que posso, mas nunca posso ter
muitas expectativas. Ou posso?

TODOS Não, não.

LUÍSA Mas vão considerar. não vão?

TODOS Com certeza!

LUÍSA Vão, não vão?

TODOS Vão vão. Vão vão.

Vão em vão [*repetem várias vezes*].

Luísa acaba por sucumbir e adormece em cima da mesa.

ANA FONSECA *[Interrompe]* Ok, ok. Muito solidário.
Mas agora a falar a sério, como é que eu vou trabalhar com aquele
aluno que eu não posso ver nem pintado de ouro?

VOZ-OFF Cabecinhas em cima da mesa!

*Na cena seguinte todos vão descendo das mesas e trazem a cadeira
para baixo sentando-se ordeiramente como se desistissem de alguma
coisa.*

DANIELA Porque é que temos de intervir no seu contexto
pessoal? Porque é que temos de saber a história da outra pessoa
para a tratarmos bem? Nós não precisamos de saber a história da
outra pessoa para a tratarmos bem. As pessoas deviam tratar-se
bem e pronto. É isso que a escola devia ensinar.

ANA FONSECA Trata bem os outros ou eles fazem-te a folha.

SOFIA É o transbordamento.

ANA TERESA O pós-moderno.

DANIELA Estão a passar para a escola papéis que não deveriam
ser só da escola: nós estamos a ficar com a responsabilidade da
assistente social, psicólogo, quase fazemos consultas, prestamos
atendimento... O princípio da loja do cidadão! No fim já não
distingues nada, se estás na fila da EDP, do Registo ou da
Segurança Social.

ANA TERESA Ficamos perdidos.

SOFIA A escola está cheia daquilo que não tem de estar
e vazia do que lá devia estar.

DANIELA Fico muitas vezes a pensar no direito à família,

porque a família deixa de estar com a criança. Não é a criança que é institucionalizada porque não tem a família, todas vão ser institucionalizadas e, muitas, cada vez mais precocemente. Algumas têm 4 meses quando entram para a creche e isso continua até aos 18 anos e depois pela faculdade fora...

INÊS Pelo menos 12 anos de escravatura.

DANIELA ... porque eles não estão aqui como nós, voluntariamente.

INÊS Os nossos filhos escravos dos nossos trabalhos.

DANIELA Nós escolhemos estar aqui agora. Não foi?

SOFIA Alguns queriam estar e não estão.

INÊS Sim, sim, já ouvimos!

DANIELA Nós temos a vocação, não temos?

PEDRO Para a escravatura?

ANA COTRIM Sem dúvida.

DANIELA E quando não tivemos essa possibilidade de escolha, no tempo do nosso processo escolar que era obrigatório termos a quarta classe ou o nono ano, mesmo assim, ainda nos sobravam umas horas para fazermos o que queríamos.

SOFIA Eu também queria muita coisa e não tenho [*adormece*].

PEDRO Já sabemos!

ANA COTRIM Irra! [*adormece*]

DANIELA Ainda tínhamos muitas horas livres para nos dedicarmos àquilo que gostamos mais de fazer. Eles não têm...

ANA TERESA Completamente perdidos de achados.

DANIELA ...é que nós andámos na escola desde os três anos não é? Ou três ou dois, todos nós. Três, seis, não interessa, nós nunca saímos da escola, não saímos.

ANA TERESA Prisioneiros do conhecimento que liberta o Homem.

ÂNGELA O homem e a mulher [*adormece*].

DANIELA ...mesmo que tenhamos feito outras coisas entretanto, basicamente estamos lá dentro desde essa altura. Nunca conseguimos sair de lá. Se calhar por medo.

ANA FONSECA Medo? Medo de quê?

DANIELA De ter má nota, de levar uma reguada e depois de ser o burro da turma, pior, não entrar na faculdade, ficar para trás, não conseguir arranjar trabalho, e ainda muito, muito pior, não ter dinheiro ou, pior ainda, ficar sem casa, sem carro...

ANA FONSECA Ah, isso! Nunca mais acaba... Quando eu comecei a trabalhar, há nove anos, os miúdos escreviam textos com cinco frases, actualmente escrevem uma página porque é o exigido no currículo. Não é preciso termos mais medo, estamos a matar a infância.

INÊS Infância, qual infância? [*adormece*].

ANA TERESA A nossa ou a das crianças? [*adormece*].

PEDRO Ou de todas as pessoas que consideramos dizerem disparates quando comparadas connosco? [*adormece*]

DANIELA Falas dos loucos? [*adormece*]

ANA FONSECA Não. Eu até acho que não somos tão inteligentes quanto ela, ou seja, mais depressa se encontra um professor deprimido do que uma criança deprimida por causa da escola, e isso é algo no qual pode valer a pena pensar. Não acham? Não acham? Estão-me a ouvir?

Todos dormem.

VOZ-OFF Mãezinha, quando for crescida e for *youtuber* e for capaz de ganhar muito dinheiro sem ter de sair do país, quando já não tiveres de ir trabalhar e eu não precisar de ir mais à escola, e puder ficar aqui neste quarto, sem despertador para acordar ou para deitar, sem ter de sair mais de perto de ti, mãe. E, mesmo perto de ti, mas não necessariamente à tua frente, eu puder falar com três biliões de pessoas ao mesmo tempo porque serei uma pessoa viral, o mais viral que conseguir, mais do que os filhos dos outros amigos, vais ter tanto orgulho em mim.

E naqueles dias em que sair à rua não vou precisar de me apresentar para saberem o meu nome, Windyxpto, mesmo que nunca vá ao mesmo sítio beber o meu smoothie para poder falar na net sobre os smoothies dos sítios diferentes, porque as pessoas já me viram tantas vezes que já nem estranham que eu não tenha o cabelo sempre da mesma maneira nem duvidam que serei eu, como eu também não duvido quando são elas ali na net mesmo à minha frente a emanar 5G do fundo do seu coração.

E nesse confronto, cara a cara, eu e o meu computador, eles e o computador deles poderei finalmente falar dos animais e das plantas e das abelhas e de todas essas coisas, agora tão

maravilhosas e fantásticas como foram para ti, mãe, as fadas e os duendes, os anões e as princesas, os dragões e as sereias, as bruxas e os pais natais.

Ouve-se um toque muito ao longe.

Pedro acorda, levanta-se e começa a acordar os outros com beijinhos ternos.

Ao acordarem pegam nas mesas e transportam-nas no ar até as juntarem ao centro formando uma grande mesa.

PEDRO Enquanto os sonhos de muitas se produzem, na minha cabeça crescem visões dos seus futuros possíveis, como no cinema, projectados por mim, olhos semicerrados, para melhor focagem. As paredes da sala da sesta, na aparente quietude ritmada pelo respirar das crianças, enchem-se de enredos, conversas, situações. Nesse momento, eu sei que estou no meio de qualquer coisa. Qualquer coisa importante, imensa, magnífica.

Põem a mesa para o chá.

Luísa e Pedro conversam enquanto o chá é servido.

LUÍSA Olá, o José vem hoje, fica no 4.º A.

PEDRO É um 3/2008. Não... é um 54.

LUÍSA Que grande 31! Lá vamos andar às voltas com o 54.

PEDRO Mas já temos dois NEE's nessa turma.

LUÍSA Não, a Alice passa para a sala *Teach*.

PEDRO Sim! Já falámos com a titular.

LUÍSA Mas a Ermelinda aceitou?

PEDRO Sim, ela veio de uma escola TEIP.
Para ela tudo bem. É uma QZP.

LUÍSA Veio? Coitada.

PEDRO Já chamaram a mãe?

LUÍSA Sim, ela vai ter de ter um RTP.

PEDRO Mas a Alice tinha CEI?

LUÍSA Sim, tinha.

PEDRO Mas o que tem a miúda?

LUÍSA Um TOC.

PEDRO Um quê?

LUÍSA Um TOC.

ANA FONSECA [*ansiosa*] Começamos? É sempre hora do chá
e nós não temos tempo de lavar as chávenas no intervalo.

*Enquanto bebericam chá e comem biscoitos alegremente
vão encontrando as respostas.*

SOFIA [*contente*] Vamos lá dar notas. Que dia é hoje?

ÂNGELA [*satisfeita*] Hoje, dia 3 de Fevereiro, ao sétimo
tempo, reuniram-se os colegas professores para beber este chá
maravilhoso, obrigada colega, e distribuírem notas...
O que é que temos em cima da mesa?

INÊS Três Marias, duas Anas, três Joões, um Said, uma Rita, dois Vicentes, dois Cheng, uma Carina.

ANA FONSECA Tenho de pôr os óculos, esperem.

ANA COTRIM *[para Daniela]* – Bebe um pouco mais de chá, colega. Menta da Turquia, aromatizado com baunilha de Madagáscar e cravinho do Bornéu.

DANIELA Mas eu ainda não bebi nenhum, como posso beber mais?

ANA COTRIM O que tu queres dizer é que não podes beber menos. É muito mais fácil beber mais do que nada.

ANA TERESA O anterior era muito melhor e protegia das gripes: carqueja com um toque de mel.

DANIELA Não compreendo totalmente, mas fica a questão em aberto. De qualquer modo, eu prefiro o de lúcia-lima com gengibre e canela.

SOFIA Colegas! Começamos?
Uma casa tem quatro cantos, em cada canto está um gato, cada gato vê três gatos a sorrir, quantos gatos tem a casa?

TODOS Quatro! *[corroboram]*

PEDRO Sim, concordo, quatro.

Sofia escreve a nota na toalha.

SOFIA Colegas! Do três ao trinta e três, quantos três tem?

DANIELA Tem?! Quem? O que tem? Quem tem quem?

ANA COTRIM Tem como em haver.

Alguns fazem contas de cabeça, outros escrevem na toalha, acabam por concordar e vão dizendo o resultado.

ANA COTRIM e ANA FONSECA Seis!

ÂNGELA Sete!

DANIELA + ANA TERESA Oito!

Sofia escreve a nota na toalha.

SOFIA Colegas! Qual é o número que vem antes do número que vem antes de catorze?

TODOS Doze!

[vários corroboram o doze, molham os biscoitos e comem]

SOFIA Colegas! Uma mãe tem trinta euros para dividir pelas duas filhas, qual é a hora que se pode ver no relógio?

PEDRO Treze e quarenta e cinco!

ÂNGELA e ANA FONSECA Quinze para as duas, quinze para as duas! *[em coro com grande felicidade]*

Sofia escreve a nota na toalha.

PEDRO Colegas! Uma palmeira tem quatro bananas, duas caíram. Quantas ficam?

TODOS Duas!

PEDRO *[troça]* Não! As palmeiras não dão bananas!

SOFIA Colegas, muito bem! Ora vejam lá esta aqui:
O que é, o que é, tem chapéu mas não tem cabeça,
tem boca mas não fala, tem asas mas não voa?

Silêncio

DANIELA Acho que esta fica em aberto, não acham colegas?

TODOS [*em coro*] – O bule! É o bule!

Fazem um brinde ao bule.

SOFIA Ainda faltam cinco minutos para acabar.
E temos bolachas.

ANA COTRIM Mas já acabamos, já demos tudo o que tínhamos
para dar!

ÂNGELA Não podemos sair, ainda não está na hora.
E falta a fundamentação da nossa avaliação.

DANIELA A qualitativa?

ÂNGELA Sim, a qualitativa.

*Ângela, Inês e Luísa vão escrevendo as palavras
que o grupo vai dizendo.*

SOFIA Já não tenho mais nada para dizer.
Gastei as palavras todas nas adivinhas.

LUÍSA Vá lá!... Uma palavra! Já falta pouco!
As horizontais estão quase todas.

DANIELA Uma palavra para o quê?

INÊS Um antónimo de péssimo, mau, horrível.

ANA TERESA Muito bom.

ANA COTRIM Isso são duas palavras.

ÂNGELA Excelente!

LUÍSA Cabe.

Agora para dez letras: sinónimo de razoável, bastante.

PEDRO Suficiente.

ÂNGELA Excelente, colega!

DANIELA Posso ser eu agora? Precisamos de uma palavra para completar a frase “O aluno revela...”. Precisamos de qualquer coisa com onze letras e já cá está um “i” na sétima vertical.

ANA COTRIM Integridade!?

INÊS Termina com idade, mas não dá para iniciar com “i”.

ANA TERESA Abcdefghijk...

PEDRO Curiosidade?

INÊS Sim!

LUÍSA Agora é uma com armadilha.

ÂNGELA As minhas preferidas.

LUÍSA Horizontal 5: ensina quando não está em greve?
Com 2 ss, ècesss. Sibilados.

DANIELA Não estou a ver...

ANA COTRIM Falhei a chávena, que chatice, desculpa, colega.

ANA FONSECA É normal, está a ficar escuro.

ÂNGELA Grande rasteira, nunca pensei que fizessem uma assim.

INÊS Será “professor”? Não dá para ver bem.

DANIELA Não pode ser. Deve ser outra coisa. De certeza.

ANA COTRIM Falhei a chávena outra vez, desculpem.

ANA FONSECA [*para Ana Cotrim*] És mesmo cegueta, como é que tu não vês?

[*para Daniela*] Está mesmo à frente do teu nariz.

ANA COTRIM O bule? Ou a chávena?

ANA FONSECA Não, a resposta certa.

Ângela vê as horas e bate com a caneta no bule.

SOFIA Ufa! Mesmo a tempo! [*para Ângela*] Obrigada, colega!
O tempo por agora terminou. Continuamos no próximo intervalo
[*coloca a sua chávena no carrinho e fecha a lata de bolachas*].

DANIELA O nosso tempo está sempre a acabar, eu não percebo porquê...

ANA FONSECA Ainda temos de ir lavar as chávenas, colegas.

PEDRO [*enquanto levanta os braços em rendição*] Hoje não sou eu!

LUIZA Eu também não. Já lavei no intervalo do 3.º tempo
[*levanta os braços*].

ÂNGELA Eu também! [*levanta os braços, Sofia olha para eles e levanta também*] Ana Fonseca e Inês, como forma de decidirem quem arruma o quê, começam a jogar pedra, papel ou tesoura.

ANA FONSECA e INÊS Pedra, papel ou tesoura? [*repetem*]

Os restantes arrumam de facto a mesa de chá, instalando uma cena de quotidiano com primeiro e segundo plano.

VOZ-OFF Quando, numa sala de teatro, assistes a um actor que diz um texto ou executa uma acção, podes não ser capaz de apreciar a sua beleza se não estiveres realmente preparado para apreender as qualidades que essa obra possui.

Para captares uma obra de arte dramática na sua totalidade é, assim, necessário que a saibas descodificar e, só então a poderás apreciar.

Nos próximos três minutos vais apreender e interpretar uma cena dramática e nós vamos ajudar-te.

O drama é, sem dúvida, uma das formas mais ricas e sugestivas da expressão humana. Ao assistir a uma cena dramática como a que está aqui a acontecer deves procurar colher, em primeiro lugar, uma impressão geral, deixando-te invadir pela sensação que ela te provoca através das suas formas, cores, som e luz.

Uma vez captada essa impressão geral, deverás passar à análise dos elementos que compõem a cena.

A cena passa-se ao ar livre, num prado, avistando-se na paisagem, ao longe, e em contornos ténues, a curva dos montes, um lago

e um conjunto de casas. Observando com atenção, percebes que no primeiro plano estão duas mulheres. Que representa este conjunto de figuras? Representará uma professora com a sua aluna? Uma mãe com a sua filha? Duas irmãs? Duas amigas?

Vão saindo.

Com vista a aprofundares o significado da cena dramática maximizando a sua fruição, deves considerar os seguintes parâmetros.

A composição: as atrizes procuram distribuir equilibradamente as suas formas dentro do espaço cénico, ocupando-o mas não demasiadamente e deixando brechas que lhe conferem a necessária ambiguidade, que te permite a ti encontrar uma miríade de sentidos.

O texto e o movimento: apresentados aqui em conjunto apontam para o imprescindível conhecimento sobre a ordem natural das coisas, a sucessão pré-determinada, cíclica e *securizante* da humanidade.

O espaço cénico, que se manifesta através do jogo proporcionado pela valorização da sua forma positiva *versus* a sua forma negativa, num claro apelo à teatralidade da boca de cena *versus* fundo de cena.

A luz, que se socorre da universalidade semiótica da díade luz-sombra, cria um ambiente fluido, sugestivo de harmonia e bem-aventurança, e é possibilitada pela utilização de inúmeros projectores e filtros de cores disponibilizados por este teatro.

Todos os elementos desta obra que acabaste de analisar em separado vêm harmonizar-se para produzir um efeito do conjunto.

Saíram todos.

Noutras cenas poderás captar sentidos totalmente diferentes dos que aqui encontres, produzidos por outros efeitos pictóricos, sensoriais, materiais, textuais, existenciais. Procura descobri-los, enriquecerás deste modo a tua sensibilidade e reforçarás a certeza de que pertences ao grande grupo humano.

Anunciados por uma música, os professores entram à vez vestidos de diferentes legumes, sobem para a mesa como se fosse um palco, falam e saem.

SOFIA Se me der quinze é muito pouco. Olhe que mereço dezasseis ou dezassete. Não faço os trabalhos de casa porque são uma seca, mas quando os corrige na aula costumo estar com atenção e copio-os. Sempre gostei de inglês, costumo tirar letras de canções do Youtube e consulto sites americanos sem problema.

VOZ-OFF O conteúdo da prova foi significativo, transversal à condição humana, designadamente à sua subjectividade. Não foi claro, no entanto, em que medida a aluna conceptualiza a multiplicidade da expressão “sem problema”.

DANIELA Stôra, não se preocupe tanto comigo e deixe-me em paz. É que assim enerva-me! Sou assim desde a primária. A minha mãe era chamada à escola muitas vezes. Não consigo ficar quieta tanto tempo nas aulas, tenho de me mexer e falar com alguém.

VOZ-OFF Considerando a rigidez da tarefa, a aluna deu alguns sinais de desobediência. Os resultados da prova e a prova em si não pareceram relevantes para a atribuição de factores predicativos referentes à lógica do mercado de trabalho emergente.

ANA FONSECA Não percebo porque é que está sempre a chamar-me a atenção, a embirrar comigo. Eu até falo baixinho. E sempre que me lembro, quando entro na aula ponho o telemóvel em modo de voo.

VOZ-OFF A aluna demonstra uma clivagem evidente entre o conceito e as emoções, socorrendo-se da linguística e de um imprevisto de toque de telemóveis para fundamentar esta alexitimia. É importante que se possa observar se esta estrutura se mantém, averiguando, se possível, a sua etimologia.

ANA COTRIM Participo nos trabalhos de grupo quando me deixam, e faço o que sei. Tento fazer os TPC. Nem sempre percebo bem o que se pede e nem sempre tenho tempo, porque é preciso tomar conta do meu irmão, dar-lhe o jantar e pô-lo na cama. A minha mãe limpa um escritório à noite. Também não tenho tempo para ir às aulas de apoio. Acho que sou bem-educada com os meus colegas e com a professora e que me porto bem nas aulas.

VOZ-OFF Fica por confirmar se o resultado reflecte contingências da aluna ou, se pelo contrário, uma moldura teórica clássica do processo de ensino-aprendizagem, centrado na professora, sendo deliberadamente incapaz de lançar o desafio que teria em si o ânimo agregador, sidérico e sinestésico.

PEDRO Já fiz as contas segundo aquela fórmula que nos deu. 60% para os testes, mais os trabalhos e a participação nas aulas 20% e a pontualidade e as atitudes, as que só valem 10% – e que acho que são boas –, embora eu já saiba que vai buscar aquelas coisas de que nem eu nem ninguém já se lembra para os outros 10%. E o 3.º período tem peso 2, não é? Neste esforcei-me bem. A stôra sabe que se eu não tiver média para entrar na faculdade, ainda me põem a estudar em Inglaterra. Não quero ir, arranjei uma namorada.

VOZ-OFF A tarefa introduz por oposição o acesso ao cérebro límbico em articulação com o córtex pré-frontal. Este aluno demonstra um processo altamente sentimentalizado, o oposto da anterior, centrado no pólo depressivo, do sofrimento, da preocupação e da perda. Ainda assim, disponível para amar?

Fica a questão em aberto.

ÂNGELA Desci no segundo teste porque estive doente e não apanhei parte da matéria. Quando pedi os apontamentos à Madalena ela disse que na semana passada já tinha emprestado o caderno à Celeste e que agora precisava dele para estudar. O Rui disse que não tinha apontamentos nenhuns, que ouvia e pronto, chegava. A Marta disse que o melhor era eu arranjar uma explicadora, como ela tinha, porque era para isso que servem os explicadores; eles é que se preocupam em acompanhar a matéria e depois ensinam o mais importante para os testes.

VOZ-OFF Verifica-se alguma retórica e muita enumeração, mas não foi observado, contudo, trabalho colaborativo. Esta ausência é importante em todo o caso, numa espécie de espelho do que se observa recorrentemente – uma fractura de responsabilidades. O perigo desta abordagem, novamente, é o facto de produzir uma espécie de *igor*, em vez de uma *gestalt*.

INÊS Se me puder dar o dez, se a fórmula der para o dez, já fico contente. Preciso mesmo de acabar o 11.º e arranjar um trabalho. Para o ano já tenho os dezoito e posso acabar o 12.º à noite. Vou ao Centro Qualifica e eles logo me dizem se há algum curso de dupla certificação. O pior é a papelada toda que pedem. Se conseguisse tirar um curso que dê o 12.º, com alguma possibilidade de arranjar emprego, é que era bom...

VOZ-OFF O observatório para o trabalho nos próximos anos sugere que os indivíduos com melhores aptidões de leitura da mente estarão em vantagem sobre os que, nesta competência, são menos versados, uma vez que as profissões com potencial de computarização substituirão todas as outras que não sejam de base sócio-emocional.

É evidente a dispersão e a variabilidade de respostas –

um elemento positivo que antecipa a plasticidade dos alunos e o seu potencial para o paradigma emergente, designadamente, a vulnerabilidade. Faltam indicadores para finalizar este processo. Sugerimos uma situação de *role-play* e de troca de papéis entre os instrutores e os instruídos.

ANA TERESA [*com um tutu*] – Eu acho que a escola não se devia chamar escola. Eu acho que a escola não se devia chamar escola mas sim lugar de encontro. Espaço de estar. Devia ser apenas isso. Um espaço para estar. Para ir ao encontro dos interesses das crianças, das famílias, onde se pudesse juntar todos em prol das crianças. Deixá-las. Deixar deixar deixá-las. Deixá-las ser. Deixar de as tornar. Deixar de tornar as crianças um número. Deixar de ser um depósito de crianças.

Gostava que a escola que não se chama escola fosse um lugar de aprendizagens múltiplas. Que fosse um lugar onde também se pode não aprender. Onde também se pode apenas ser criança. Como se a criança não fosse um erro, um ser humano em falta, em *déficit*, um bruto em formação. Como se a criança fosse um lugar de troca e não um espaço vazio que é preciso preencher. E onde as necessidades das crianças fossem mesmo aquilo que conduz o plano.

Uma oficina aberta com diferentes lugares, com diferentes zonas de aprendizagem.

Um espaço onde se entrelaçasse a arte, a ciência, e todas as áreas do conhecimento, às áreas do desporto, e onde as crianças se movessem à volta desses interesses. Onde houvesse um grupo, um verdadeiro grupo de pessoas que queiram pensar e que preparem o plano. Para as crianças e para os jovens. Um espaço onde a vida e o quotidiano e as famílias se juntam. Não gosto da escola como ela é.

Não gosto que as crianças estejam sempre sentadas. Não gosto dos

currículos. Não gosto que tudo seja igual para todas as crianças. Que são todas diferentes.

A escola devia ser um espaço aberto, cheio de saídas. Sair muito. Visitar museus, ir ao teatro, ir ao cinema. Conhecer os artistas, conhecer os cientistas. Pôr a mão na massa. Estar com a realidade. A escola devia aproximar as pessoas da realidade. Ser realidade.

Eu não gosto da palavra escola. Eu não gosto da palavra estudante, Na realidade, isto tem tudo de mudar.

Entram e constroem um labirinto com as mesas e as cadeiras.

DANIELA *senta-se à frente.*

VOZ-OFF Pela manhã, a projecção de uma luz branca de lâmpada incandescente. E ali estava eu e mais uns quantos, postos em cativeiro com o propósito de recreação e desenvolvimento desta espécie animal O cativeiro e a luz incandescente provocam um crescimento acelerado. E, acreditem, não é só aos pintainhos que é aplicado este procedimento, a produção de um *sapiens* social não escapa à vontade de aceleração. Os peritos diziam que essa luz ajudava a concentrar. A mim sempre me concentrou na dor abafada que sentia na minha cabeça. Os peritos diziam que eram dores de crescimento. Nestas idades, todas as dores são dores de crescimento. Nenhuma dor é levada a sério. E todos os que se vão cruzando connosco acham-se peritos em diagnosticá-las. Talvez já se tenham esquecido, mas as dores de crescimento doem. E, pelos vistos, estes peritos não são grandes peritos da dor, mas sim do esquecimento.

Ana Cotrim aproxima-se, vinda do fundo do palco através do labirinto. Traz um ponteiro.

ANA COTRIM Querida criança.

DANIELA Quem? Eu?

ANA COTRIM Sim, tu.

DANIELA Eu.

ANA COTRIM Sim.

DANIELA Eu? Eu sou uma coisa que, segundo o escritor suíço Carl Spitteler, não existe e é apenas uma criação do adulto.

ANA COTRIM Sim, tu, meu pequerrucho.

DANIELA Eu sou o teu pequerrucho.

ANA COTRIM Sim, e ainda o amorzinho, o nosso bem, a esperança, o futuro, o melhor do mundo.

DANIELA Caramba! Posso dizer caramba, não posso?

ANA COTRIM Podes, e eu posso ainda chamar-te pirralho, fedelho, catraio e moleque em português do Brasil.

DANIELA Porquê? Tens alguma coisa contra mim?
Portei-me mal?

ANA COTRIM Tu portas-te sempre mal porque és uma criança, mas nós estamos aqui para defender o teu superior interesse.

DANIELA Obrigado. Nós quem?

ANA COTRIM A sociedade civil, a escola e outros organismos.

DANIELA São organismos vivos?

ANA COTRIM [*Pigarreia*] Podemos dizer que sim.

DANIELA E qual é o nosso superior interesse?

ANA COTRIM É nós arranjarmos o que fazer convosco enquanto vamos trabalhar.

DANIELA Então o nosso superior interesse é a escola?

ANA COTRIM Podemos dizer que sim.

DANIELA Mas a mim interessa-me mais não ter de ir à escola.

ANA COTRIM Isso é porque ainda não aprendeste a fazer bem as contas à vida.

DANIELA Aaaah.

ANA COTRIM Nós já aprendemos, há muito tempo. Já não me lembro exactamente quando.

DANIELA Hum, há muito tempo, quando?
No tempo dos mamutes? Há cem anos?

ANA COTRIM Sabes colocar perguntas muito bem, mas só deves fazer uma de cada vez.

DANIELA Porquê?

ANA COTRIM Ou nenhuma. Nós somos bons a criar respostas. Queres ouvir?

DANIELA Talvez... está bem. Tenho curiosidade.

ANA COTRIM Pensámos muito. Resolvemos inúmeras

equações sociais para chegarmos à definição de criança, depois declinámos criança em várias formas, e entretanto passou tanto tempo que já as consideramos a todas, tão ou tão pouco naturais, como uma maçã ou um girassol: aluna, colega, par, adolescente, pré-adolescente, cidadã, cliente, consumidora, formanda, projecto de vida, menor...

DANIELA Tudo isso pelo meu superior interesse?

ANA COTRIM Sim. Tudo isso.

DANIELA Ena. Muito obrigado.

ANA COTRIM Obrigada.

DANIELA Porquê?

ANA COTRIM Criança é um substantivo de género feminino.

DANIELA Ok, ok. De certeza?

ANA COTRIM Absoluta.

DANIELA Como é que conseguem isso, de saberem absolutamente uma coisa?

ANA COTRIM É simples, sabemos e pronto, é tudo.

DANIELA Acho que não estou muito satisfeita com essa resposta.

ANA COTRIM Bom, exigiu muito tempo e trabalho.

DANIELA [*Cara a pedir mais explicações*]

ANA COTRIM Nós criámos o conceito que defende, por si só,

de forma superior, o período de vida em que te encontras agora, que vai dos zero aos doze, com uma extensão até aos dezoito... Na realidade, não sabemos bem até quando se estende. Vários especialistas definiram o que é a infância e a adolescência – o que as caracteriza, o que faz parte e o que não faz parte, o que pode ser e o que não pode ser. Também criámos leis para a tua protecção. Avançámos e recuámos a linha da normalidade várias vezes, movimentámo-la para muitos lados, não todos... Mesmo assim, o papel já está manchado das decisões e indecisões, muito uso da borracha, parece-me.

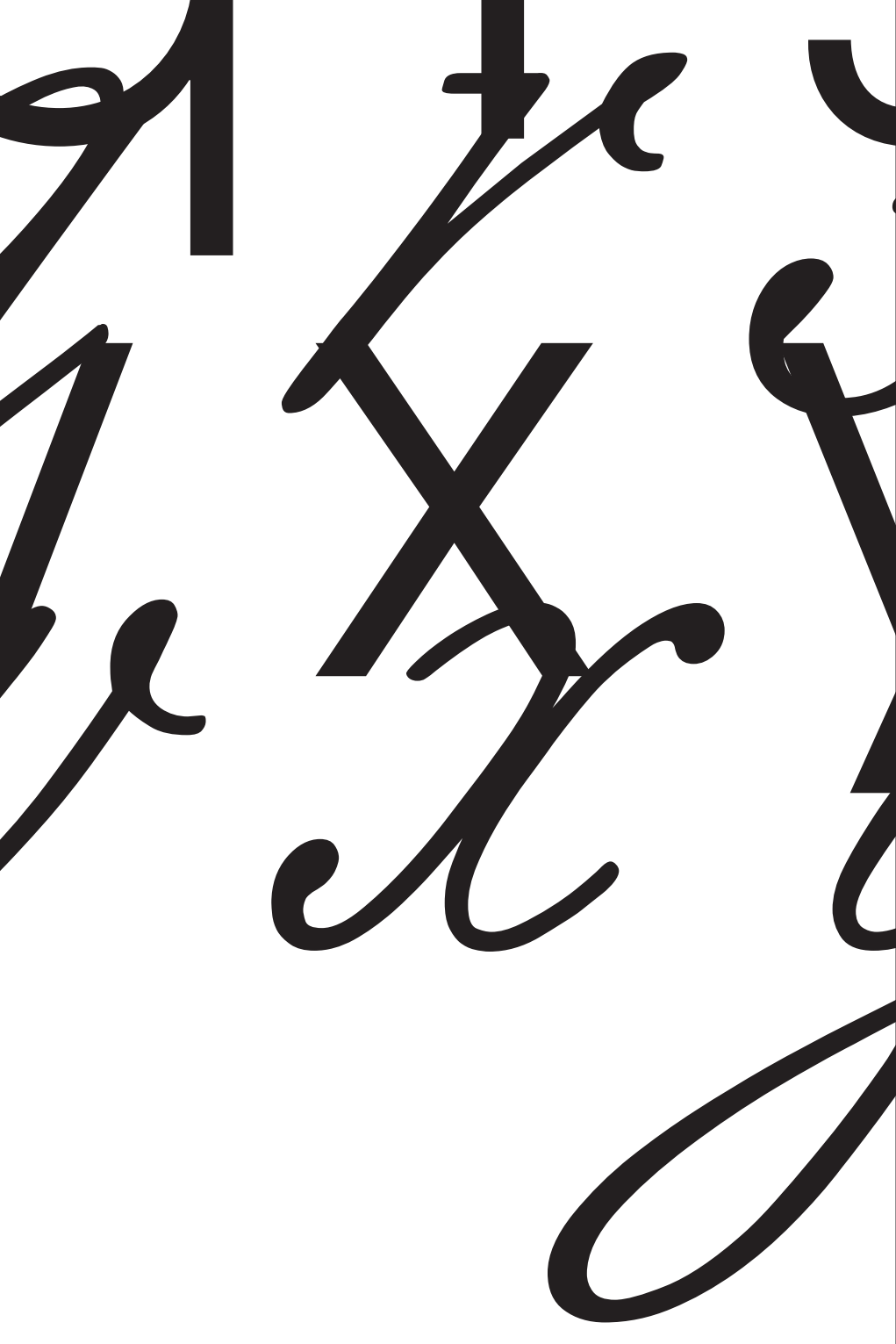
DANIELA E se, afinal, eu já não for uma criança? Se descobrires tarde demais que eu não sou uma criança agora. O que é que eu faço? Como poderei compensar? Ou se eu continuar a ser uma criança mesmo depois da idade adulta? Vou ter de o esconder?

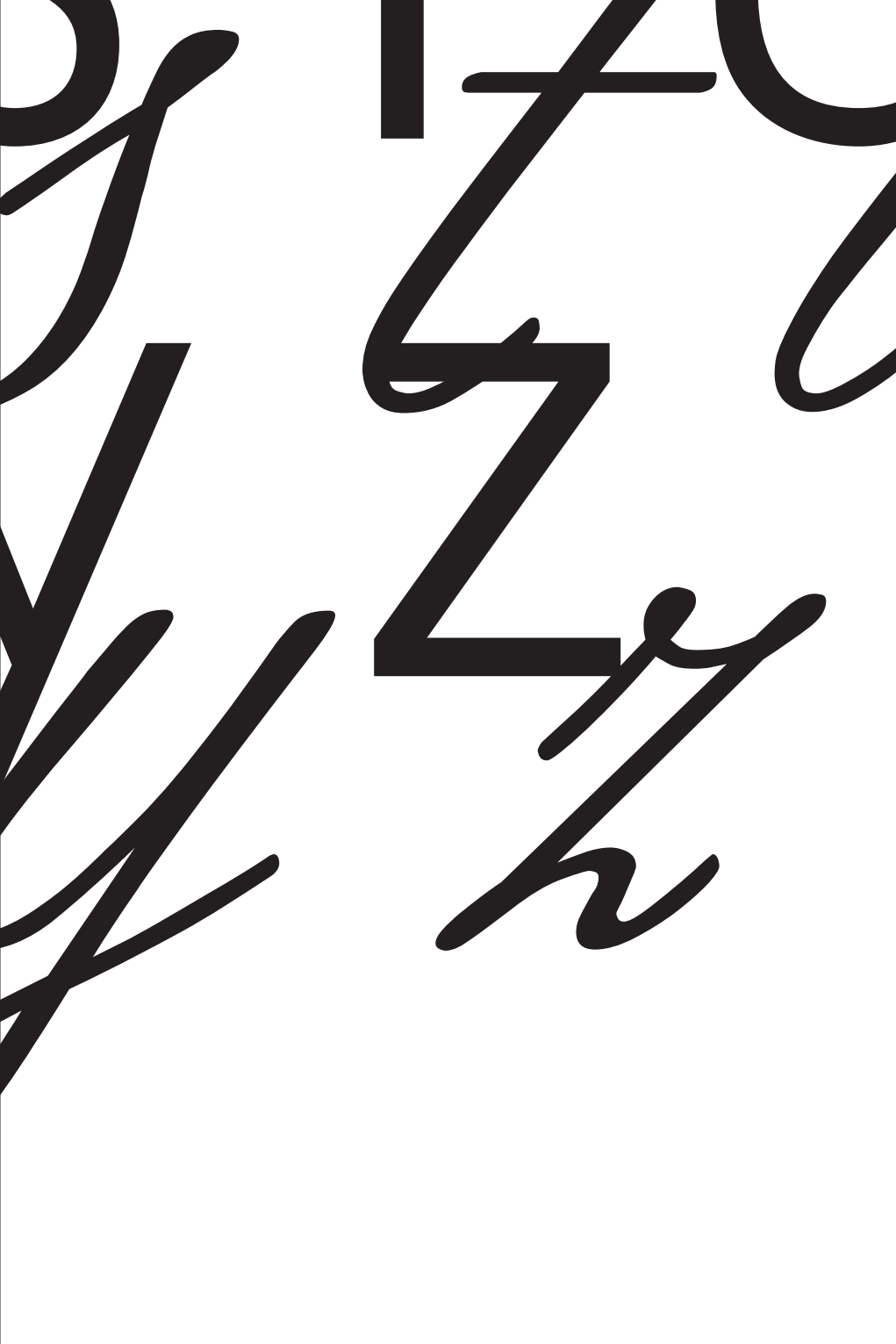
ANA COTRIM Pormenores, dir-se-ia uma área nebulosa, não penses muito nisso. És nova demais para o paradoxismo, não deves ter ainda pensamento abstracto.

Se nos enganarmos, podemos sempre dar um salto e continuar! Não te esqueças que, antes de mais, nós somos gafanhotos. 7,2 mil milhões de gafanhotos, com um crescimento projectado de mil milhões por cada doze anos, o tempo de uma infância. Do melhor do mundo para uma praga é um saltinho. Vais ver.

Posso cortar-te a franja? Não sei como é que consegues ver alguma coisa com isso à frente dos olhos.

Corta a franja da DANIELA com uma enorme tesoura.





Ficha Técnica

PROFESSAR

de Lígia Soares e Sara Duarte

com Ana Cotrim, Ana Fonseca,
Ana Teresa Magalhães, Ângela Veiga,
Bárbara Almeida, Daniela Viana,
Evelina Martins, João Faria,
Inês Peceguina, Lúcia Lopes,
Luísa Ramos Carvalho,
Pedro Branco, Sofia Rosa.

Revisão: Pedro Cerejo

Design gráfico: Sílvia Prudêncio

Edição

teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser

Impresso na Guide — Artes Gráficas

ISBN: 978-989-54527-1-2

Depósito Legal:

@teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser, 2020

www.teatromeiavolta.com

teatro meia volta
e |
depois à esquerda
quando eu disser

